

O nascimento de Deus

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

Originalmente publicado como: “**The Birth of God**”. Texto disponível na íntegra em: [/the-birth-of-god](#).

Pediram-me que eu falasse esta noite sobre “O nascimento de Deus”. O título fere os ouvidos, pois parece ininteligível. Como seria possível Deus, o Criador incriado de todas as coisas, ter um nascimento? Como poderia um ser autoexistente e eterno, o Criador do tempo e do espaço, ter nascido? Não parece ter o mínimo sentido.

Mas no Natal é exatamente isso que de certo modo se celebra. A doutrina cristã da encarnação declara que Jesus Cristo é Deus em carne. Jesus era Deus verdadeiro e também homem verdadeiro. Ele nasceu da virgem Maria. Quer dizer, Jesus teve uma concepção *sobrenatural*, mas um nascimento perfeitamente *natural*. Uma vez que Jesus era Deus na carne, Maria, sua mãe, é, portanto, chamada nos credos cristãos primitivos de “a Mãe de Deus” ou “portadora de Deus”. Não é porque Deus, de alguma maneira, veio a existir como resultado da concepção de Maria ou que, de algum modo, Maria gerou Deus. Antes, ao contrário, Maria poderia ser chamada de portadora de Deus porque a pessoa que ela trazia no ventre e deu à luz era divina. Assim, o nascimento de Jesus foi, num certo sentido, o nascimento de Deus.

Isso só empurra o problema um ponto para trás. Pois como é *possível* Jesus ser igualmente Deus e homem, como creem os cristãos? Se existe uma coisa chamada contradição, com certeza essa é uma! Pois as propriedades para ser divino e as propriedades para ser humano parecem mutuamente excludentes, uma deixando a outra de fora. Deus é autoexistente, necessário, eterno, onipotente, onisciente, onipresente, e assim por diante. Mas os seres humanos são criados, dependentes, presos ao tempo e limitados em poder, conhecimento e espaço. Assim, como alguém pode ser tanto humano como divino?

Além disso, se o crente, pressionado duramente por essa questão, for tentado a evitar o problema simplesmente negando que Jesus era realmente divino ou que era realmente humano, permitam-me dizer que a Bíblia não nos dá essa opção. O Novo Testamento afirma tanto a divindade como a humanidade de Jesus Cristo e, portanto, *impõe* esse problema sobre nós. Considerem, por exemplo, o capítulo de abertura do evangelho de João. Os evangelhos de Mateus e Lucas começam com a história da concepção sobrenatural de Jesus e o seu nascimento virginal, mas o evangelho de João adota uma perspectiva mais cósmica, na qual descreve a encarnação da Palavra preexistente de Deus. Ele escreve:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito existiria. A vida estava nele e era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

Houve um homem enviado por Deus; seu nome era João. Ele veio como testemunha, a fim de dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Pois a verdadeira luz, que ilumina a todo homem, estava chegando ao mundo.

[...]

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, pleno de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai.

João testemunhou a respeito dele, exclamando: É sobre este que eu falei: Aquele que vem depois de mim está acima de mim, pois já existia antes de mim. Pois todos recebemos da sua plenitude, graça sobre graça. Porque a lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus. O Deus unigênito, que está ao lado do Pai, foi quem o revelou.

Aqui, João descreve Jesus como “Deus”, o Criador de todas as coisas, que se tornou carne e entrou na história humana há aproximadamente 2000 anos na terra da Judeia. Logo, a inferência é inevitável, assim como o problema que ela traz: Jesus tanto era humano como divino.

Como as gerações que se sucederam na igreja primitiva debatiam para entender a doutrina da encarnação, certas pessoas resolviam essa aparente contradição à custa exclusiva da negação de um ou de outro polo do ensino bíblico. Grupos como os gnósticos ou docetas, por exemplo, negavam que Cristo era verdadeiramente humano. Ele apenas *parecia* assumir forma humana; a carne de Cristo não passava de ilusão ou disfarce, e seus supostos sofrimentos foram meramente aparentes. Por outro lado, grupos como os adocianistas ou os eutiquianos negavam, em vez disso, a divindade de Cristo. Jesus de Nazaré era apenas um homem mortal a quem Deus adotou como seu filho e o elevou ao céu. Em oposição a esses grupos, à direita e à esquerda, a igreja primitiva condenou repetidamente como herética qualquer negação da humanidade *ou* da divindade de Cristo. Por mais contraditório ou misterioso que possa parecer, os teólogos permaneceram resolutamente do lado da afirmação bíblica de que Jesus Cristo era Deus verdadeiro e homem verdadeiro.

Com o tempo, surgiram depois na igreja primitiva dois centros de debates teológicos acerca da encarnação, um na cidade de Alexandria, no Egito, e o outro na cidade de Antioquia, na Síria. As duas escolas de pensamento afirmavam unanimemente que Jesus Cristo era tanto divino como humano, mas cada uma apresentava um modo diferente de entender a encarnação. Deixem-me tentar explicá-las, porque essas visões servirão de ponto de partida para a minha proposta mais tarde.

Tanto os teólogos alexandrinos como os antioquenos pressupunham que as coisas tinham naturezas, quer dizer, propriedades essenciais que determinam o *tipo*